Alejandro Arnutti

Portfólio

AGO/2025

índice

mini bio 03

statement 04

série
A Nação Pampa 16

crítica 29

série
inacabados 30

currículo 39

contato 40

mini bio

Alejandro Arnutti, Artigas/Uruguai, 1981. Vive e trabalha em Uruguaiana/RS. Fez diversos cursos livres em desenho, pintura e escultura. Desde seus 4 anos de idade produzia desenhos inspirados na observação do natural da vida rural no campo onde cresceu e trabalhou até sua juventude. Isso iria marcar sua produção para sempre.

Na juventude passou a pintar e depois esculpir, e começou a viajar para fotografar a vida campeira de localidades rurais isoladas no interior do RS, Uruguai e Argentina. Seu foco principal é mostrar a solidão e resiliência dos peões e capatazes de estâncias, bem como seus costumes e tradições gauchescas herdadas dos índios e dos colonizadores.

Alejandro também mostra como essas estâncias familiares são fundamentais para a biodiversidade pois trabalham preservando o bioma Pampa (o mais devastado do país), em especial o gato palheiro dos pampas (felino mais ameaçado de extinção do mundo).

Pesquisa os malefícios do aumento da suplantação do bioma Pampa pelas monoculturas, em especial a soja e o eucalipto, que prejudicam o solo de diversas formas, provocam a redução ou extinção de espécies, além de trazer prejuízos socioeconômicos e culturais ao RS.

Também pesquisa e fotografa os últimos descendentes da etnia Charrua e seus costumes. Suas fotografias são o ponto de partida para sua criação na pintura.

Possui obras nos acervos públicos das Prefeituras de Uruguaiana/RS e Quaraí/RS, e da Câmara de Vereadores de Uruguaiana/RS e Piracicaba/SP. Além disso possui obras em coleções particulares em países como Espanha, Inglaterra, EUA, Alemanha, Uruguai, Argentina, Chile e Brasil. Foi premiado em importantes prêmios, como o salão “Encuentros del Arte Contemporaneo” em Punta del Este/Uruguai, e o prêmio “Trajetórias Culturais” do instituto Trocando Ideia de Porto Alegre/RS, e em 2025 recebeu o Prêmio Aquisição no LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.

statement

Grande parte da minha vida passei viajando dentro de um ônibus percorrendo estradas do Pampa, indo para a estância/fazenda em que minha família trabalhava, no interior de Uruguaiana-RS; ou voltando para a casa de meus avós em Artigas – Uruguai, onde cursei os ensinos fundamental e médio. Ou, desde jovem até hoje, indo para outras cidades ou estâncias no RS, Uruguai e Argentina, seja para estudar, trabalhar ou passear. Achava que conhecia bem esta região, e quando via cada vez mais as plantações de soja e eucaliptos avançando sobre onde antes eram estâncias familiares de gado e ovelhas sobre pastagens nativas, achava que aquelas máquinas e tratores enormes que substituíram os cavalos eram um sinal do progresso e da inovação tecnológica. Era o futuro chegando.

Quando crescemos descobrimos que a realidade é sempre bem mais dura e amarga que aquela que nossa infância nos apresenta. Somente pesquisando fui descobrir que o Pampa perdeu mais de 3,3 milhões de hectares de vegetação nativa somente aqui no RS desde nos últimos 40 anos. São aproximadamente 35% da sua área substituídos por monoculturas, principalmente a soja e eucaliptos. Este é o bioma mais desmatado e esquecido pela grande mídia no Brasil. As estimativas são de que, nesse ritmo, desapareça completamente até 2043.

Esses chamados desertos verdes (monocultura de soja) tornam os solos inférteis com o tempo, além de provocar a redução, ou até extinção, de espécies, como é o caso do gato palheiro: felino mais ameaçado de extinção do mundo, que habita unicamente o Pampa. Além disso atuam no comprometimento de importantes serviços ecossistêmicos, como o controle da erosão e a regulação do ciclo da água, diminuindo drasticamente a infiltração de água no solo. Sem falar que nessa cultura os grandes beneficiários são os bancos que faturam com os financiamentos e as multinacionais de insumos agrícolas, e a colheita vai praticamente toda para a China enquanto a população vê nos supermercados as frutas, verduras, legumes e carne cada vez mais caros devido ao desaparecimento das estâncias familiares de bovinos e ovinos de corte e a derrubada de pomares e hortas para plantar soja.

A pecuária no Pampa é sustentável ecologicamente, pois, diferentemente de em outros estados, não emite carbono, nem causa desmatamento pelo fato de poder ser praticada em campos nativos. Sem falar que o RS está perdendo seu maior símbolo cultural, já que o gaúcho só é gaúcho por causa da lida campeira junto ao cavalo, o gado e a ovelha. Seu desaparecimento também implicará negativamente na poesia, a música, a indumentária e a gastronomia. É uma cultura e uma forma de viver em harmonia com a natureza se perdendo. Por isso a importância do seu registro.

Alejandro Arnutti
UM CHARRUA AINDA VIVO
2025
[série *O que restou dos Charrua*?]
Óleo sobre tela, 120 x 80 cm

Depoimento sobre a obra “Um Charrua Ainda Vivo”

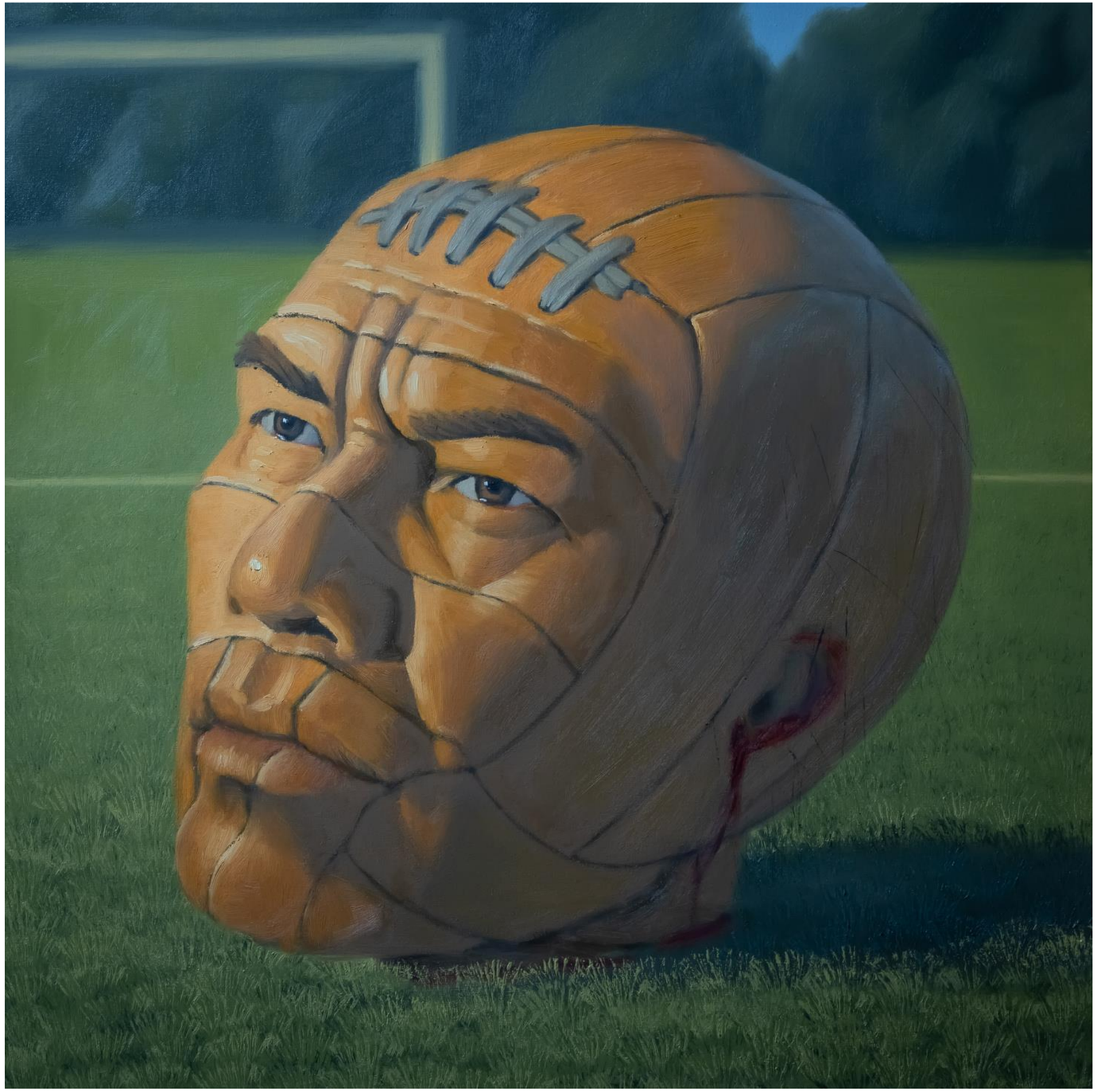
O indivíduo retratado nesta obra chama-se Elso. Ele é um dos pouquíssimos descendentes da etnia Charrua vivo residindo no sul do Brasil, terra que em um passado anterior a colonização pertenceu a eles, assim como o Uruguai e parte da Argentina.

A intenção deste retrato é mostrar elementos do mundo do Elso, e, por isso, seu corpo é seu mundo entendido como planeta, e como tal tem um centro de gravidade que torna possível caminhar, e até voar, sobre ele os pequenos descritos a seguir:

Podemos ver em seu braço direito que avançam soldados da cavalaria imperial brasileira em movimento de espiral para cima, chegando ao ombro, e em seu rastro vão deixando as cercas que serviam para demarcar a distribuição de terras que antes eram dos Charrua, e das quais foram gradualmente expulsos, quando não eram cassados e mortos.

Já no seu abdômen vemos avançar um “malón”, como eram chamados os ataques surpresa que os índios costumavam dar para defender seu território. Eles cavalgam deitados na lateral do cavalo carregando suas lanças rente ao chão tanto para contar com o efeito surpresa fazendo os soldados pensarem que se tratava apenas de uma manada de cavalos selvagens cavalgando a esmo, e também para conseguir atacar com suas lanças enquanto se protegiam do ataque inimigo.

Em seu ombro esquerdo dois bois se refrescam a beira de um açude, e sobre eles voam uma formação em V de pássaros João-grande, típicos dos Pampas. Sobre o couro que veste o Elso, do lado esquerdo um filhote de javali; e do lado direito, escondido na sombra, um “gato palheiro”, que habita nosso bioma Pampa e é o felino mais ameaçado de extinção do mundo, restando pouquíssimos deles, e sua existência é desconhecida da grande massa no Brasil.



Alejandro Arnutti
LA GARRA CHARRUA DEL MASACRE DE SALSIPUEDES
2025
[série *O que restou dos Charrua?*]
Óleo sobre tela, 60 x 60 cm

Depoimento sobre a obra “La Garra Charrua en el Masacre de Salsipuedes”

O indivíduo retratado nesta obra chama-se Adriano da Silva, e além de amigo pessoal ele é o Cacique da comunidade dos pouquíssimos Charrua e descendentes que residem em Uruguaiana-RS. Ele foi pintado decapitado e com a orelha decepada (como terminaram muitos de seus antepassados) e também com o aspecto de uma bola de futebol usada na copa do mundo de 1930. Na sequencia explico o motivo.

No Uruguai o futebol é uma paixão nacional talvez maior do que no Brasil, se é que isso é possível. Todos se perguntam como um país tão pequeno de apenas 3 milhões de habitantes foi capaz de tantas conquistas futebolísticas na história, como ser um dos maiores vencedores de Copas Américas, e em especial a conquista da copa de 1930 e o Maracanazo de 1950. E a resposta é uma só e todos os uruguaios em coro tem na ponta da língua: é por causa da “garra Charrua” que os jogadores têm. Os Charruas foram uma etnia que ocupou principalmente o território uruguaio antes da colonização, mas também o sul do Brasil e parte da Argentina.

Mas atualmente o país onde menos descendentes de Charruas existem é no Uruguai. Inclusive se você pesquisar no google a wikipedia vai te informar que não existe mais nenhum Charrua vivendo em território uruguaio. Isso porque no começo do século XIX o próprio governo uruguaio através de seu Presidente Fructuoso Rivera decretou a erradicação do povo Charrua do Uruguai, e assim eles orquestraram e executaram o “Massacre de Salsipuedes” onde conseguiram reunir todas as lideranças Charrua e grande parte dos índios homens com a desculpa de que o governo iria contratá-los e remunerá-los para que defendessem as fronteiras do país de forças inimigas, e então executaram a emboscada matando a maior parte dos Charrua, e levando os sobreviventes para serem escravos em Montevidéu.

Muito poucos conseguiram fugir e se salvar. Desde então a etnia passou a viver escondida e fugiu para o Brasil e Argentina. E nesses países eram caçados pelos capangas dos estancieiros sesmeiros que recebiam prêmios se voltassem da caça portando orelhas de Charruas mortos.

Alejandro Arnutti
A MAJESTOSA NATUREZA VENHO SE EXIBIR OU SE VINGAR?
2025
[série *O que restou dos Charrua?*]
Óleo sobre tela
90 x 150 cm

Depoimento sobre a obra “A Majestosa Natureza Venho se Exibir ou se Vingar?”

Nos tempos da colonização os índios Charrua não ficavam inertes ao roubo de suas terras e a morte dos seus por parte dos colonizadores espanhóis e portugueses, e como vingança executavam os chamados “Malones”: ataques surpresa com o objetivo principal de matar seus inimigos, roubar seu gado e as mulheres brancas, assim como tudo o mais que pudessem carregar.

Esses ataques eram feitos a estâncias, vilarejos e cidades, e eram planejados explorando o efeito surpresa, e uma das formas de fazer isso era explorando a neblina das cerrações das manhãs de inverno onde cavalgavam deitados na lateral do cavalo de forma a esconder seu corpo dos colonizadores, e carregando suas lanças rente ao chão para não serem vistas. Assim eles faziam pensar aos colonizadores que se tratava apenas de uma manada de cavalos selvagens cavalgando livremente, até que, quando se aproximavam o suficiente, estes endereçavam para o ataque.

Por isso a cena representada na obra é a visão que o colonizador tinha da chegada do “malon”, e como não conseguia ver os índios nos cavalos, mas sim apenas uma belíssima cena proporcionada pela natureza, eles se perguntavam se aquilo era um presente ou um ataque, e de forma geral esta era a ultima visão que esses colonizadores tinham em vida: um ataque fantasiado de presente.

Alejandro Arnutti
A FARTURA DO SOJA #1
2025
[série *Fartura do Soja*]
Óleo sobre tela, 60 x 90 cm

Depoimento sobre a obra “A Fartura do Soja #1”

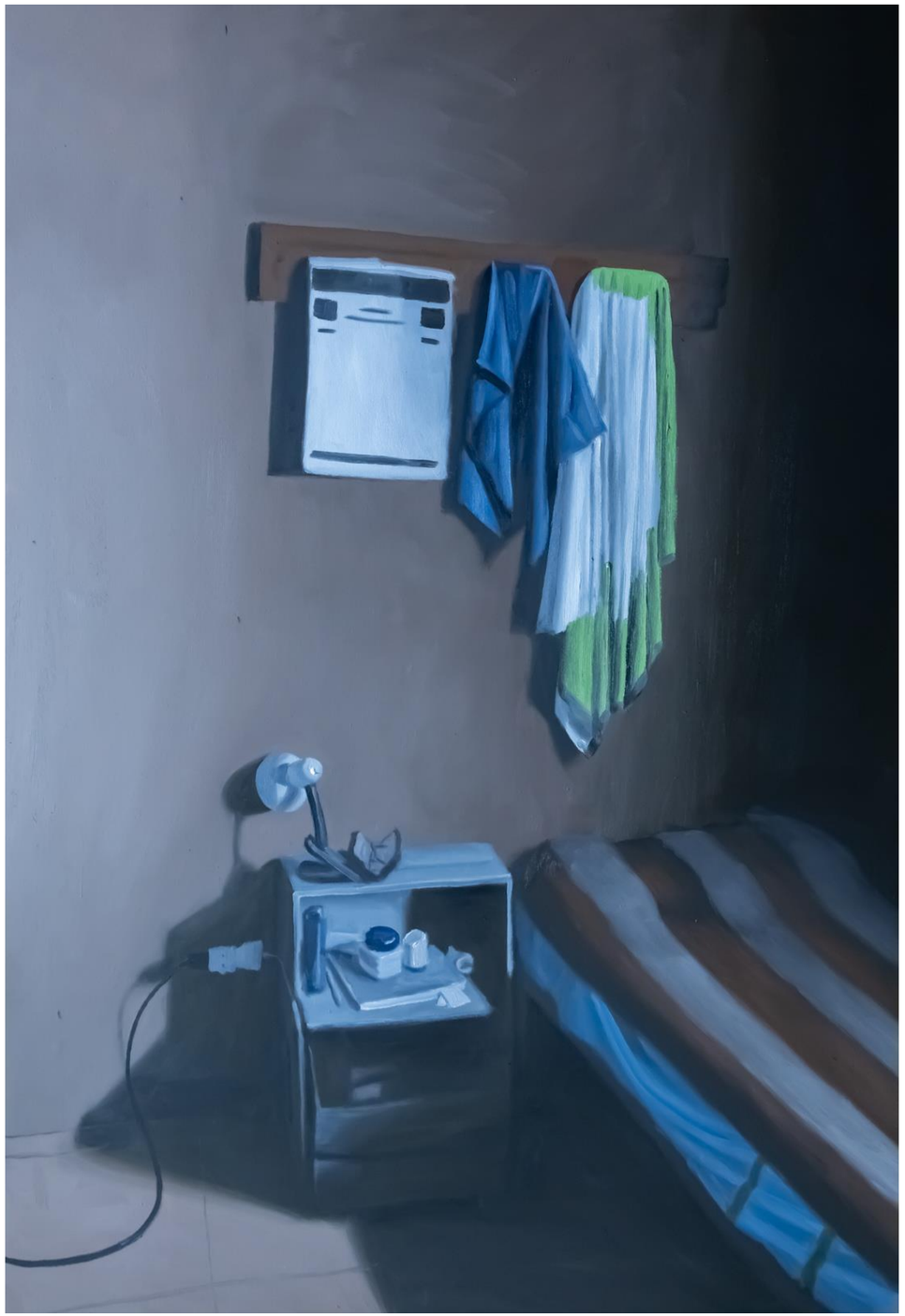
O bioma Pampa perdeu mais de 3,3 milhões de hectares de vegetação nativa somente aqui no RS nos últimos 40 anos. São aproximadamente 35% da sua área substituídos por monoculturas, principalmente a soja e eucaliptos. Este é o bioma mais desmatado e esquecido pela grande mídia no Brasil. As estimativas são de que, nesse ritmo, desapareça completamente até 2043.

Esses chamados desertos verdes (monocultura de soja) tornam os solos inférteis com o tempo, além de provocar a redução, ou até extinção, de espécies, como é o caso do gato palheiro: felino mais ameaçado de extinção do mundo, que habita unicamente o Pampa. Além disso atuam no comprometimento de importantes serviços ecossistêmicos, como o controle da erosão e a regulação do ciclo da água, diminuindo drasticamente a infiltração de água no solo.

Sem falar que nessa cultura os grandes beneficiários são os bancos que faturam com os financiamentos e as multinacionais de insumos agrícolas, e a colheita vai praticamente toda para a China enquanto a população vê nos supermercados as frutas, verduras, legumes e carne cada vez mais caros devido ao desaparecimento das estâncias familiares de bovinos e ovinos de corte e a derrubada de pomares e hortas para plantar soja.

A coroa de louros foi um símbolo de poder e conquista, dada aos vencedores dos jogos olímpicos na Grécia antiga, também era usada por militares romanos que realizavam conquistas, mas ficou ainda mais conhecida ao ser usada por Júlio Cesar também para representar suas conquistas como imperador. Aqui ela representa a conquista da terra por parte dos latifundiários proprietários das lavouras de soja que gradualmente tem suplantados todas as demais culturas e estâncias no bioma Pampa.

Por isso muitos grãos de soja brotam da terra com formato de bustos de Júlio Cesar com sua coroa de louros. Outros grãos brotam com a forma de caveiras humanas pelo fato das consequência que essa monocultura traz aos nossos solos. Mas a mão segura com orgulho para a foto da revista o punhado de grãos que mostram a fartura da sua lavoura.



Depoimento sobre a obra “Recanto Solitário de um Capataz”

Obra inspirada em uma fotografia de Alejandro Arnutti captada em uma estância “Rincón de los Yaguarí”, no interior de Rivera/Uruguai. Mostra como o “capataz” (líder na hierarquia dos funcionários da estância) vive, assim como os demais, longe de sua família, e seu convívio se dá somente uma vez ao mês.

Esses personagens reais se habituaram a permanecer distante dos confortos dos centros urbanos, conservando assim a essência dos hábitos regionais e resistindo as pressões do mundo globalizado. Porem seus descendentes não estão se adaptando a essa vida solitária, e assim não dão continuidade ao trabalho e legado de seus progenitores, fazendo assim desaparecer gradativamente essa cultura.

Alejandro Arnutti
RECANTO SOLITÁRIO DE UM CAPATAZ, 2025
[série *A solidão da imensidão*]
Óleo sobre tela, 120 x 80 cm.

Alejandro Arnutti
IMAGEM CAPTADA POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA NO CERRO DO JARAU
2024
óleo sobre tela, 60 x 90 cm
Prêmio Aquisitivo no LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP

Depoimento sobre a obra “Imagem Captada por Armadilha Fotográfica no Cerro do Jarau”

A paisagem que aparece na obra iniciada no registro da minha lente fotográfica e depois a tela pelos pinceis é o chamado Cerro do Jarau, uma formação rochosa formada por uma cratera de meteorito localizada na beira da BR 377. Lugar onde cruzei incontáveis vezes desde criança. A vegetação presente na obra é o bioma nativo do Pampa preservado.

Aqui o IBAMA capturou um gato palheiro (felino mais ameaçado de extinção do mundo) para estudos, e devolvido a natureza com um colar rastreador. Seus avistamentos são tão raros que as poucas imagens que existem deles são geralmente fotografias captadas com armadilhas fotográficas colocadas em pontos estratégicos na mata nativa do Pampa. Eles já perderam 80% da área do seu habitat para a agricultura, e estima-se que o número de indivíduos presentes nestes 3 países somados seja de entre 35 e 50 gatos palheiros. Na pintura ele aparece a direita acompanhando o gaúcho nas suas lides enquanto olha atentamente e com desconfiança o observador da obra.

Nela também homenageio meu pintor acadêmico favorito, o uruguaio Juan Manuel Blanes, colocando refletida ali na agua a imagem de 2 gaúchos que estão presentes na obra “Los Dos Caminos”. Essa é minha forma de convidar o observador a conhecer essa bela obra desse grande artista.

a Nação Pampa

Esta série aborda cenas captadas no interior do RS, Uruguai e Argentina. Um território denominado Nação Pampa, por compartilhar de uma mesma cultura, mesmos hábitos, valores, gastronomia e indumentária dentro do bioma Pampa. São belezas singelas que a natureza proporciona, acompanhadas da resiliência desse peão de estância que se habituou a solidão de permanecer distante dos centros urbanos, conservando a essência dos hábitos regionais e resistindo as pressões do mundo globalizado.

São paisagens que vão se perdendo, tanto pelo desmatamento do bioma Pampa e pela sua suplantação pela monocultura, principalmente a soja, também pelo fato das novas gerações não se adaptarem a essa vida solitária e preferirem os confortos das cidades, não dando continuidade ao trabalho e legado de seus progenitores.

Alejandro Arnutti
UMA JANELA PARA O PAMPA
2025
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
145 x 210 cm

Detalhe da obra da
página anterior

Detalhe da obra da
página anterior

Depoimento sobre a obra “uma janela para o Pampa”

Esta cena criada a partir de diferentes fotos captadas pelas lentes de Alejandro, formando uma composição inexistente a partir de cenas que existiram, como a tropilha de cavalos, captada em San Antônio de Areco/Argentina, ou o Pampa captado no interior do Uruguai, ou a tapera ao longe, captada em Uruguaiana/RS, assim como o céu. O reflexo no açude é uma criação do artista.

Alejandro Arnutti
DIA DE CARNEAÇÃO
2022
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
60 x 80 cm

Depoimento sobre a obra “dia de carneação”

Abater um animal é algo mais antigo até do que o próprio ser humano. Nossos ancestrais que precederam o homo sapiens já o faziam. A diferença é que os animais que consumimos hoje são domesticados e os métodos de abate, mesmo no campo, se tornaram mais rápidos e eficientes, evitando o sofrimento do animal, que além de ser abominável, também estraga a carne por endurecê-la.

Mas esse é um assunto complexo, onde os países e suas legislações divergem a respeito. A legislação brasileira proíbe o abate de bovinos, ovinos e suínos fora dos abatedouros registrados. Já a legislação uruguaia permite o abate desses animais para o consumo próprio nas estâncias, ou seja, no meio do campo, desde que respeitadas as normas sanitárias e de bem-estar animal. O Uruguai tem uma forte tradição na criação de gado e o abate em propriedades rurais é comum, especialmente nas pequenas e médias propriedades.

Fica então a pergunta: a legislação de qual país é a correta?

Alejandro Arnutti
GAÚCHO NA MANGUEIRA
2021
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
100 x 150 cm

Alejandro Arnutti
UM CALOR DE DERRETER, 2017
[série *A Nação Pampa*]
Pastel seco sobre MDF,60 x 70 cm

Alejandro Arnutti
RONDA DE FOGO E GAITA
2021
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
50 x 70 cm

Alejandro Arnutti
ENTARDECER
2021
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
100 x 150 cm

Alejandro Arnutti
TOCANDO A BOIADA
2018
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
200 x 320 cm

Depoimento sobre a obra “Tocando a Boiada”

O instante retratado é uma típica cena da lida no campo onde se reúne o gado solto no campo e transfere através das estradas de terra de uma parte da estância até a mangueira, onde os animais são selecionados e embarcados em carretas para a venda, ou são vacinados, carcados ou castrados. Nesse trânsito o pisotear da terra vai levantando cortinas de poeira que formam velaturas transparentes e semi transparentes que criam diferentes variações de luz e sombra e hora realçam, hora escondem, a paisagem e os elementos.

O gado desta obra não tem uma raça definida (seriam como os cachorros caramelo dos bovinos) tendo assim pelagens mais variadas, e, por isso, mais “pictóricas”. São criados geralmente em estâncias familiares, propriedades de pequeno ou médio porte gerenciados por uma família.

Alejandro Arnutti
MERINO ENVOLTO NA POLVADEIRA
2017
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
50 x 70 cm

Alejandro Arnutti
SERVINDO O ASSADO
2017
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
70 x 50 cm

Alejandro Arnutti
O REFRESCO DA LAGOA
2017
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
100 x 150 cm

Adendo à fortuna crítica à obra de Alejandro Arnutti

... **Eis que desponta entre nós, o pintor Alejandro Arnutti**.
Em minha casa, ostento seu painel “Tropa estrada afora”. Ele encanta eventuais visitantes. Sente-se a poeira no ar e o galope dos potros, tal o perfeccionismo. É ele o pintor que nos faltava para nos reafirmar no plano pictórico. Em sua obra aflora essa magnifica identidade cultural que envolve e aproxima o gaúcho uruguaio e o gaúcho do pampa brasileiro, como realidades humanas indivisíveis. Digo, com tintas leves, que o Rio Grande é um Uruguai que fala português.

De sua arte, deixai-me que diga: seus cavalos nas aguadas, bebendo a luz do entardecer, são de atordoante beleza lírica. O rosto de nossos velhos gaúchos, onde o tempo traça as trilhas, retratando as melenas orvalhadas dos campeiros. São obras de sentir o vento pousando sobre o rosto e o tempo moldando feições contundentes, heroicas, cotidianas, emblemáticas.

Os cavalos, de variadas pelagens, por sua arte preciosista, sabem captar o retouço das crinas balanceadas pelo vento. E são antigas senhoras, apaziguadas pela ternura, que lhe põem no colo a branca, macia e inocente ternura das ovelhas. Borregos, mugindo entre as molduras das porteiras das velhas mangueiras. A tosa, o carnear, testemunhados com mão precisa e o dom mágico da revelação do real em sínteses absolutas.

E o que dizer das tropas de gado e cavalhadas! Elas levantam poeira e surpresa, num deslumbre inusitado. E alcançam vastidões de encantamento que somente um grande artista pode provocar. Seus laçadores nos enlaçam, e nos quedamos presos à graça dessas obras magnificas, oportunas e necessárias.

Estejamos com ele, nas expressões vivas de sua arte.
O Rio Grande ganhou um prêmio, recebeu o legado de um belo patrimônio artístico, foi agraciado com um reflexivo espelho, onde nossa alma se reflete. Sobre a obra de Alejandro Arnutti, podemos dizer que hoje o seu trabalho assegura a sua presença na galeria dos grandes pintores de nossa temática gaúcha. Foi uma honra inusitada adornar essa obra com textos de rodapé, modestos pedestais ao seu múltiplo trabalho criativo.

Em Alejandro Arnutti, temos o olhar perceptivo a captar a forma exata da composição. Uma visão do movimento apreendido em suas variantes no espaço e no tempo. Uma sensibilidade aguçada em relação às cores, onde o real e o imaginário correm de rédea solta pelos campos de sua arte. As variadas nuances do Pampa transbordam de seus pincéis.

Assim vejo.
Assim penso.
Assim sinto a obra de Alejandro Arnutti

Luiz Coronel
escritor
2022

inacabados

Nesta série o artista pesquisa a interação do óleo com acrílico e do figurativo com o abstrato, mostrando partes das obras terminadas em diferentes faces e camadas, deixando a descoberto a primeira camada de imprimação com pinceladas soltas e abstratas de tinta acrílica interagir com o realismo criado com tinta a óleo. A intenção é proporcionar movimento e dinamismo que conversem com o movimento e dinamismo das cenas representadas. A pincelada solta e vigorosa conversa com o vigor da explosão muscular dos gaúchos e animais retratados.

Alejandro Arnutti
PALETEADA #18, 2020
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
100 x 150 cm

Alejandro Arnutti
COLORADO MALACARA, 2017
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
80 x 60 cm

Alejandro Arnutti
TELMO DE LIMA FREITAS, 2017
[série *Inacabados*]
óleo sobre estopa
110 x 100 cm

Alejandro Arnutti
PAISANO E SEU PALHEIRO, 2018
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
60 x 80 cm
Coleção particular de Maria Inês
Menezes e Mano Menezes

Alejandro Arnutti
JOGO DE TRUCO, 2018
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
50 x 70 cm

Alejandro Arnutti
COLHENDO OVOS, 2017
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
50 x 70 cm

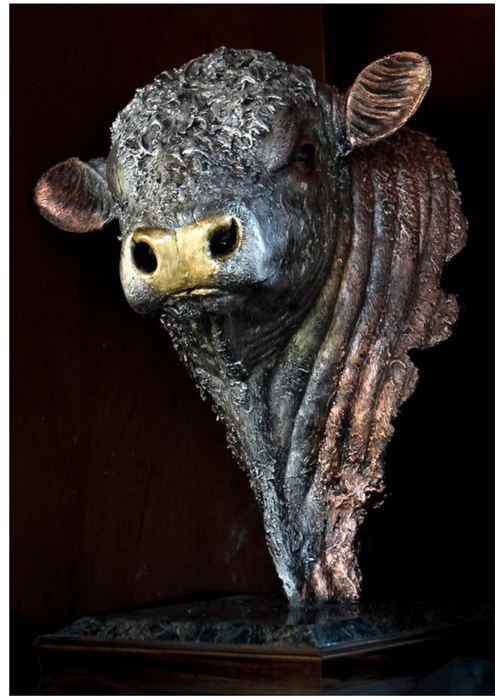
Alejandro Arnutti
O Gaúcho, o Cavalo Crioulo e o Gado, 2022
Resina, pastas metálicas e base de madeira
35 x 35 x 36 cm, peça única

Crioulo Baio Ruano
2019
Resina, pastas metálicas e base de madeira e mármore
57 x 35 x 32 cm, peça única

Crioulo Oveiro Colorado
2016
Resina, pastas metálicas e base de madeira e mármore
52 x 35 x 33 cm
peça única

Touro Angus, 2017
Resina, pastas metálicas e base de madeira e mármore
45 x 30 x 30 cm, peça única

Touro Hereford, 2017
Resina, pastas metálicas e base de madeira e mármore
52 x 35 x 33 cm, peça única



Alejandro Arnutti
Retomada de Uruguaiana na Guerra do Paraguai, 2014/2015
óleo sobre tela, 305 x 735 cm
Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS, exposta em forma permanente no seu Salão Nobre

Depoimento sobre a obra “Retomada de Uruguaiana na Guerra do Paraguai”

A obra “Retomada de Uruguaiana na Guerra do Paraguai” representa um dos momentos históricos mais importantes dessa que foi a maior guerra da história da América do Sul. O instante representado nela mostra a presença de várias figuras que marcaram a história do Brasil e estiveram presentes em Uruguaiana-RS nesse 18 de setembro de 1865 tais como o Imperador Dom Pedro II, seus genros Conde D’Eu e Duque de Saxe (também é o autorretrato do artista), Duque de Caxias, Tamandaré, Bento Martins, Conde de Porto Alegre, Floriano Peixoto, David Canabarro, Bartolomé Mitre (Presidente da Argentina) e Venancio Flores (presidente do Uruguai). A obra foi inaugurada em 2015 no aniversário de sesquicentenário do evento, e permanece exposta em forma permanente na parede central do Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Uruguaiana-RS.

O exército paraguaio, por ordem do seu presidente Solano Lopes, avançava sobre os territórios brasileiro e argentino. 5.000 soldados de cada lado do rio Uruguai desciam do Paraguai em direção ao Uruguai, saqueando as cidades por onde passavam, e deixando um rastro de destruição, estupros e mortes da população de ambos os países, até ser cercado em Uruguaiana pelas tropas do exército da Tríplice Aliança (união dos exércitos brasileiro, uruguaio e argentino), onde, após longo período de negociação, decidiu se render e assim foi evitado um grande derramamento de sangue. A partir desse momento o exercito paraguaio parou de avançar e passou a retroceder ao seu país gradativamente, até perder a guerra em 1870.

Ao todo a obra demorou mais de um ano para ser concluída, desde os esboços iniciais, os ensaios fotográficos, o desenho definitivo, até a finalização da pintura.

Alejandro Arnutti

[Artigas/Uruguai, 1981 - Vive e trabalha em Uruguaiana/RS]

Exposições Individuais

2022 – "Estância da Arte" – Cur. Marciano Schmitz - EXPOINTER, Esteio/RS-Brasil
2018 – “Encantos dos Pampas” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil
2018 – "Pampa Além Fronteiras" – Cur. Sergio Rojas - Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS-Brasil
2017 – “A Gênesis do Pampa” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil
2016 – “A Alma do Pampa” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil
2016 – “El Gaucho del Pampa”- La Barra - Punta Del Este – Uruguai
2014 – “Recuerdos del Pampa” – ALARTE, Montevidéu, Uruguai

Exposições Coletivas

2025 - LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP
2013 – Expo Punta Arte Internacional, Punta del Este/Uruguai
2013 – Mostra 100 x 100 Arte Ítalo-argentino, Salerno/Italia

Formação

2022 - Curso de fotografia documental com Tadeu Vilani e Guto Oliveira
2020 - Curso de pintura de retrato com Javier Arizabalo
2015 - Curso de escultura de figura humana com Alex Oliver - São Paulo/SP
2012 - Curso de pintura de paisagem com Alexandre Reider

Obras em Acervos Públicos

2025 - Acervo da Câmara de Vereadores de Piracicaba/SP
2024 - Acervo da Câmara de Vereadores de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-presidentes)
2023 - Acervo da Prefeitura Municipal de Quarai/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
2023 - Acervo Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul
2023 - Acervo do Governo do Estado do Rio Grande do Sul
2022 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
2015 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS

Prêmios

2025 - “Prêmio Aquisitivo” LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.
2021 - "Prêmio Trajetórias Culturais" - Instituto Trocando Ideia, Porto Alegre/RS, Brasil.
2013 - Primer Prêmio – “Encuentros del Arte Contemporáneo”, Punta del Este/Uruguai.

Publicações Importantes

2023 – Entrevista no programa Jornal do Almoço da emissora RBSTV afiliada TV GLOBO
2022 – Comercial na emissora RBSTV, afiliada REDE GLOBO
2022 - "Espaço Cultural leva Arte Campeira a Expointer" - Jornal O Sul
2018 – Jornal “Zero Hora”, Porto Alegre/RS – Brasil
2018 - "Arte" da RBSTV (afiliada TV GLOBO e no Globo Play)

Alejandro Arnutti

alejandroarnutti1@gmail.com
+55 (55) 99918-9712
@alejandroarnutti
www.alejandroarnutti.com